

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A PRÁTICA DO BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR DE ALUNOS
DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

SABRINA TRIGUEIRO LOPES

SABRINA TRIGUEIRO LOPES

**A PRÁTICA DO BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR DE ALUNOS
DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de Pedagogia da Unidade Acadêmica
de Educação da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da
Professora Dr^a Zildene Francisca Pereira.

Cajazeiras

2010



L864p Lopes, Sabrina Trigueiro.
A prática do Bullying no cotidiano escolar de alunos do 4º ano do ensino fundamental I / Sabrina Trigueiro Lopes. - Cajazeiras, 2010.
28f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Bullying. 2. Violência escolar. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.06

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada seria possível.

Ao meu pai, que sempre foi exemplo de dignidade e honestidade para mim e meus irmãos.

À minha mãe, que sempre nos mostrou a importância dos estudos, e nunca mediu esforços para que eu e meus irmãos estudássemos.

Aos meus irmãos, Anselmo, Samara e Synara pela paciência que tiveram comigo e por estarem sempre dispostos a ajudar.

À minha orientadora Zildene, pelos ensinamentos, por toda a paciência, atenção e carinho que sempre teve com a turma, agradeço por tudo que a pessoa dela representa para mim, pois foi o que me serviu de inspiração na construção deste trabalho.

Aos demais professores desta Instituição, pelo conhecimento repassado.

Ao meu namorado, que sempre acreditou na minha capacidade e que apesar da distância sempre me dá força, encorajando-me e tornando meus dias mais alegres com seu amor e carinho.

À Keli e Marcélia pela amizade que compartilhamos, pelos momentos de alegrias, e também de tristezas que vivenciamos durante toda a jornada acadêmica, sem elas a universidade não seria a mesma.

E por último, mas não menos importante, agradeço à professora Socorro Fragoso por ter contribuído neste trabalho com a correção ortográfica.

Resumo

Esta monografia visa responder ao seguinte questionamento: o que leva alunos do 4º ano do Ensino fundamental I a praticarem atos de violência contra seus colegas em sala de aula? Para responder a questão norteadora utilizamos os seguintes objetivos: analisar atos de violência sofridos e praticados por alunos em sala de aula, a partir de seus depoimentos e identificar os principais aspectos que contribuem para a prática de bullying entre alunos. Utilizamos os seguintes referenciais: Abramovay (2003); Debarbieux e Blaya (2002); Lüdke e André (1986); Melo (2010), dentre outros que trabalham com a temática aqui proposta para estudo. A pesquisa foi realizada a partir da utilização dos seguintes instrumentos de pesquisa: observações da prática docente e entrevista semi-estruturada realizada com cinco alunos que residem na cidade de Pombal/PB. A monografia está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo apresento uma discussão do bullying enquanto um assunto muito discutido na área educacional, assim como as conseqüências causadas por atos violentos. No segundo, trazemos os procedimentos metodológicos – a escolha do campo e os sujeitos da pesquisa e a relação do pesquisador com o sujeito pesquisado. Por último, apresentamos o capítulo de análise dos dados, o qual nos faz pensar que os alunos, participantes desta pesquisa, entendem o que seja a violência praticada e sofrida em sala de aula, mas não concordam que esta seja uma prática aceita na instituição escolar, muitos sentem medo quando têm que apartar alguma briga entre os colegas e se sentem constrangidos, quando se deparam com alguma situação de violência em sala de aula. A partir dessa pesquisa, foi possível percebermos a necessidade de um maior aprofundamento acerca da temática para que possamos redirecionar nosso trabalho pedagógico em diferentes salas de aulas, sejam elas públicas ou privadas.

Palavras-Chave: Bullying; Aluno; Professor, Ensino-Aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 O bullying no cotidiano escolar.....	9
2 Procedimentos Metodológicos	20
3 Análise dos dados.....	23
Considerações finais.....	27
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE A.....	29

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um assunto que vem sendo discutido, diariamente, em diversos espaços como: escola, mídia, família e na sociedade em geral, porém não é um problema atual, esse é um assunto que permeia as escolas privadas e públicas e vem se agravando a cada dia de diversas formas.

O *bullying* pode ser considerado como toda forma de agressão, seja ela física ou verbal, praticada sem nenhum motivo aparente. O agressor ridiculariza, constrange, causa raiva e angustia aqueles que se sentem acuados e vítimas de agressões dentro e fora da escola, causando sofrimentos que poderão gerar problemas, que vão desde problemas físicos, até mesmo dificuldades na aprendizagem escolar.

Muitas vezes os chamados *bullies* que em nossa língua portuguesa quer dizer valentão até têm consciência de que suas ações fazem mal à vítima, mas mesmo assim, praticam atos agressivos contra seus colegas e até mesmo contra professores. Com esta pesquisa, é imprescindível um maior esclarecimento acerca da temática para que possamos juntos - comunidade e escola - realizarmos um trabalho diferenciado que possa se não acabar, mas minimizar as práticas de violência na escola.

Nós, profissionais da área de educação, podemos perceber cotidianamente o quanto o fenômeno *bullying* está presente na realidade escolar. O fato é que, em muitos casos, alguns educadores não dão a devida importância sobre assunto, talvez pela falta de informação e/ou por acharem que se trata apenas de brincadeira entre crianças, quando na verdade é um assunto sério e merece atenção de todos os envolvidos no processo educativo, pois quem sofre agressões, seja verbal ou física poderá vir a ser um adulto violento, uma pessoa frustrada e com baixa autoestima.

Por esse e tantos outros motivos é que eu, enquanto educadora, e estando frente a frente com estes problemas diariamente, senti a necessidade de desenvolver esta pesquisa, tanto para esclarecer dúvidas relacionadas ao assunto, quanto para participar mais ativamente da discussão relacionada à temática.

Para que esta pesquisa se tornasse possível, visitei uma escola pública na cidade de Pombal/PB, a fim de entender o que leva alunos do 4º ano do Ensino fundamental I a praticarem atos de violência contra seus colegas em sala de aula. Para responder a este questionamento pretendo analisar atos de violência sofridos e praticados por alunos em sala de aula, a partir de seus depoimentos e identificar os principais aspectos que contribuem para a prática de *bullying* entre alunos.

É de fundamental importância que os professores tenham consciência de que sua intervenção diante dessa prática é essencial, para isso se faz necessário estarem bem informados a respeito do assunto para interferirem de maneira positiva, e que a escola, como um todo, tenha consciência da existência da discussão relacionada ao *bullying*, favorecendo, desta forma, uma educação voltada para o entendimento das diferenças em sala de aula e para a diminuição da violência praticada entre alunos.

O presente trabalho está organizado em três capítulos: o primeiro vem esclarecer o que é o *bullying*, através de uma discussão teórica envolvendo alguns autores que tratam desta temática como: Abramovay (2003); Debarbieux e Blaya (2002); Melo (2010), dentre outros. E embasada na compreensão destes autores, trago também neste capítulo, entre outras abordagens, as causas do *bullying*, as conseqüências, a forma como ele se apresenta e como se diferencia o *bullying* de acordo com o gênero.

O segundo capítulo trata do Procedimento Metodológico, neste retomamos um pouco a discussão acerca do *bullying* e em seguida apresentamos o campo de pesquisa, como se deu a escolha dos sujeitos da pesquisa e como deve ser a relação pesquisador e participante da pesquisa.

No capítulo III, apresento uma discussão acerca dos dados coletados nas entrevistas que foram realizadas com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, relacionando as respostas com o referencial teórico.

E por último, as considerações finais que tratam da minha compreensão sobre essa temática, após realizar todo o trabalho de pesquisa e como podemos trabalhar na prevenção do fenômeno *bullying* que a cada dia ganha mais força no cotidiano escolar, mais especificamente.

1 O *bullying* no cotidiano escolar

Bullying é uma palavra (expressão) de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. A expressão foi construída a partir do substantivo Bull – touro em inglês – e por derivação Bull (ou bullie), com alguns significados tais fortão, tirano, valentão e briguento (corruptela para gíria). Termo que envolve comportamentos antissociais – preferencialmente nas escolas – utilizado pela literatura psicológica nos estudos sobre a violência (OLWEUS apud HORNBLAS, 2009, p. 17)

Na sociedade contemporânea, a escola é uma das instituições que mais tem sofrido com as consequências da pós-modernidade, pois esta tem enfrentado inúmeros desafios como: indisciplina, evasão escolar, problemas relacionados à aprendizagem, falta de apoio da família, problemas de relacionamentos entre alunos e destes com professores e tantos outros problemas que afetam o processo ensino-aprendizagem.

Nos últimos anos, a violência nas escolas tem se agravado, tornando-se um desafio para todos aqueles que estão diretamente vinculados à área de educação. Esse é um dos assuntos mais preocupantes na atualidade, especialmente quando tratamos da escola como espaço de socialização de saberes, pois a partir desse problema tantos outros poderão ser desencadeados. O *bullying* é um fenômeno que está inteiramente ligado a qualquer ato de violência entre pessoas sem nenhum motivo aparente e que acontece sempre com as mesmas vítimas repetidas vezes.

A discussão da violência sempre fez parte da realidade escolar, mas o que tem chamado a atenção de estudiosos da temática é que esse fenômeno vem crescendo deliberadamente nas escolas de todo o mundo, sejam elas públicas e/ou privadas e, em muitos casos, parece fugir do controle dos educadores que se sentem sozinhos e cansados, sem saberem de que forma agir para diminuir essa problemática.

Esse assunto está, no momento, em evidência e vem sendo discutido em muitas escolas que procuram solucionar problemas de relacionamentos entre alunos e destes com professores, até mesmo com os demais funcionários da

escola. A mídia, por sua vez, também tem trazido essa informação a partir da divulgação de casos de violência praticados em diferentes escolas do País como, por exemplo: alunos que foram vítimas de *bullying* na escola por certo tempo, não suportando mais a humilhação e sofrimento, praticaram assassinato contra os autores do *bullying* e alguns casos de alunos que se suicidaram, porque não resistiram mais a tantos sofrimentos ocasionados por seus próprios colegas da sala.

A mídia nos oportuniza conhecermos também algumas pesquisas relacionadas a vários casos de alunos que foram vítimas de *bullying*. Com essa divulgação é possível termos uma maior preocupação acerca da temática, pois apenas conhecer que existe não muda a realidade escolar, é preciso que conheçamos as causas e as conseqüências de tais atos violentos.

Os praticantes de *bullying* geralmente são oriundos de famílias desestruturadas, pelo menos sempre foi essa a compreensão, mas hoje o que vemos é que crianças e adolescentes, independente da classe social a qual pertençam, praticam atos violentos contra os demais colegas em sala de aula, assim como fora dela.

Esse é um aspecto que merece atenção, especialmente considerando a falta de estrutura familiar que passam as crianças contemporâneas. Talvez essa seja uma das maiores preocupações que a instituição escolar enfrenta atualmente, pois as crianças não são mais cuidadas apenas pelos pais, mas por diversas outras pessoas, para que seus genitores possam trabalhar fora de casa.

Em muitos casos, as crianças ficam em casa sob os cuidados de uma babá ou de algum parente, amigos, crianças da mesma idade ou de idade um pouco mais velha, ou até mesmo sozinhas. Isso implica em uma má formação como sujeito, tendo em vista que as primeiras noções de educação são recebidas em casa pela família.

A partir do momento em que a criança tem uma boa base familiar, ao ingressar na escola, terá um comportamento diferenciado com os colegas e com as demais pessoas que fazem parte da instituição, mas infelizmente esta não é uma regra que encontramos quando nos deparamos com salas de aula super lotadas.

Na grande maioria das famílias, os pais não estão mais presentes na educação dos filhos e todos aqueles valores que nos foram repassados, quando éramos crianças, nem sempre são repassados para as crianças de hoje, por isso e tantas outras razões, elas ficam à mercê de qualquer tipo de educação. Talvez essa seja uma das causas de tanta violência nos dias de hoje, mas esta não é uma afirmação acertiva, apenas para pensarmos.

Atualmente as crianças têm acesso, com muita facilidade, a jogos violentos, jogam como se estivessem verdadeiramente lutando contra algo ou alguém, sem terem a noção de que esse tipo de jogo poderá despertar uma atitude violenta. O que podemos destacar, ainda, é que, em muitos casos, são os próprios pais que oferecem esse tipo de jogo para as crianças, para diminuir a falta física. Alguns pais trabalham os dois expedientes e vivem ausentes de casa e para suprir tal ausência oferecem bens materiais que acabam contribuindo para a falta de limites vivenciados, diariamente, por diferentes crianças em diversos contextos.

Agindo assim, as crianças, ao se desenvolverem, acham que tudo podem, e quando chegam às escolas e encontram regras, normas a serem seguidas, mostram resistência, pois em casa muitas crianças podem tudo, acham que lá deve ser da mesma forma. Neste sentido, Nildo Lage autor de uma matéria na revista Construir Notícias, acrescenta que

Determinar limites na fase da formação da personalidade é fundamental para ostentar um relacionamento estável e proporcionar a formação do indivíduo que passa a refletir sobre seus valores, seus direitos e suas obrigações no seio da família e, posteriormente, na sociedade (2009, p. 22).

As crianças precisam entender, desde cedo, que existem limites e regras para vivermos socialmente e essa compreensão será repassada, inicialmente, pela família, quando chegam à escola essa compreensão será ampliada para outros entendimentos do que seja viver em sociedade e mais precisamente qual o tipo de comportamento adequado para cada tipo de ambiente. Nildo Lage reforça, ainda, dizendo que

A falta de limites na infância é uma das principais razões da existência de jovens rebeldes e adultos e profissionais fracassados. O excesso de liberdade rompe a ligação de relacionamento entre pais e filhos, que vivem em constante pé de

guerra, na disputa sobre quem manda e quem obedece (2009, p. 22).

O que vemos, em muitos casos, na relação entre pais e filhos, atualmente, é uma espécie de troca de papéis, ou seja, pais que temem os filhos por diferentes razões e filhos, que cada vez mais cedo, ditam regras, e por incrível que pareça, pais que obedecem às ordens dos filhos, como se eles fossem superiores ou até mesmo para se redimirem da falta física. Alguns pais não percebem que realizando tudo que os filhos querem, acabam por envolvê-los em situações desagradáveis que serão repercutidas em sala de aula e na comunidade que fazem parte.

Faz-se necessário que a escola trabalhe em parceria com a comunidade e com as famílias em particular, para que seus resultados possam ser agradáveis no sentido de favorecer um bom aprendizado não só de conteúdos sistematizados, mas também de relacionamentos interpessoais.

Em casa ou na comunidade onde estão inseridas, as crianças presenciam cenas de agressões e violências de todo tipo. A televisão, por exemplo, reforça a violência a partir do momento em que a criança não sabe, ainda, diferenciar o que é informado como denúncia ou apenas como um acontecimento indesejado. Em muitos filmes, novelas e até mesmo em desenhos animados, em qualquer horário do dia, aparecem cenas violentas, fazendo com que essa situação seja agravada e seja refletida na escola.

A partir do que foi mencionado anteriormente, podemos destacar, com ênfase, os cuidados que os pais devem ter com seus filhos, especialmente considerando os diferentes atrativos para que a criança permaneça em casa, em frente a uma televisão como forma de aprender a viver. Os pais deveriam incluir no dia a dia dos filhos algo que fosse atrativo e, que ao mesmo tempo, fosse bom para sua formação como, por exemplo: livros de estórias infantis, jogos educativos, ao invés de jogos que apresentem violência, informar sobre quais programas de TV são adequados à sua idade e acompanharem as dúvidas surgidas ao longo do seu desenvolvimento.

Se passarmos essa discussão sobre comportamentos para a sala de aula veremos que, em alguns casos, alguns apelidos, briguinhas no horário do

intervalo e discordâncias de pensamentos são até certo ponto comportamentos próprios das crianças, mas o que podemos refletir é até que ponto esse tipo de comportamento é considerado adequado para tal ambiente, pois nem todo comportamento desse tipo deve ser considerado *bullying*.

A violência, seja verbal ou física, é considerada *bullying* a partir do momento que passa a acontecer sempre com as mesmas pessoas e com certa frequência, é neste momento que o fato merece mais atenção do professor para que este possa abordá-lo da melhor maneira possível a fim de evitar mais sofrimento às vítimas.

Bullying, muitas vezes, aparece camuflado em forma de brincadeiras, às vezes começa com apelidos que, na maioria das vezes, nem ofende a pessoa que está sendo apelidada, mas infelizmente não fica só nisso, o que antes era visto como uma brincadeira ou um apelido carinhoso, passa a ser visto como uma brincadeira de mal gosto; depois de um tempo, essas brincadeiras acabam dando espaço para agressões, empurrões, chutes, xingamentos, e em casos mais extremos em assassinatos ou até mesmo suicídio, por parte das vítimas, que depois de muito suportar esse e outro tipo de violência, não suportam mais a pressão e tomam atitudes drásticas.

Muitos pais de alunos, alunos e até mesmo professores acabam desconhecendo a existência desse mal que assola as escolas de todo o mundo. Essas pessoas podem até já terem ouvido essa expressão em algum lugar, mas não sabem do que se trata, seus efeitos e suas conseqüências, o que as pessoas precisam entender é que esse fenômeno se agrava cada dia mais e que a prática do *bullying* traz conseqüências graves, para a vítima principalmente, mas os demais envolvidos não ficam de fora, e é por esse e outros motivos que algo de imediato precisa ser feito para acabar com esse mal que assusta nossas escolas. Abramovay e Rua (2003, p.23), baseada na compreensão de Nancy Day acerca da definição de *bullying* diz que este é

Definido como abuso físico ou psicológico contra alguém que não é capaz de se defender. Ela comenta que quatro fatores contribuem para o desenvolvimento de um comportamento de *Bullying*: 1) uma atitude negativa pelos pais ou por quem cuida da criança ou do adolescente; 2) uma atitude tolerante ou permissiva quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente; 3) um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para controlar a criança ou o adolescente; e 4) uma

tendência natural da criança ou do adolescente a ser arrogante. Diz ainda que a maioria dos *bullies* são meninos, mas as meninas também o podem ser. As meninas que são *bullies* utilizam, às vezes, métodos indiretos, como fofocas, a manipulação de amigos, mentira e a exclusão de outros de um grupo (1996, p. 44-45)

Geralmente os praticantes de *bullying* se aproveitam daqueles que, por alguma maneira aparenta ser inferior em certo ponto de vista, para praticar atos de violência, esse, por sinal, não se defende e, muitas vezes, se cala, o que dificulta a percepção dessa prática, e quando se trata de *bullies* do sexo feminino torna-se, ainda, mais difícil, pois as meninas têm um modo mais sutil de praticar *bullying*.

Esse é um caso que preocupa todos que fazem parte do processo educativo e que merece atenção especial, pois não é somente a vítima que é prejudicada, mas também os agressores e todos aqueles que testemunham as agressões. Segundo Abramovay e Maria das Graças essa discussão preocupa a todos, pois

[...] afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a idéia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência (2003, p. 26).

A violência está cada vez mais presente em nossa sociedade e infelizmente as escolas não estão livres, são espaços onde acontecem diferenciados tipos de violência. A escola foi, por muito tempo, representada como um lugar seguro, onde os pais tinham a certeza de que lá seus filhos estariam tranquilos, protegidos e aprenderiam assuntos que lhes serviriam para a vida fora da escola. Hoje não temos mais tanta certeza, pois são incontáveis os casos pelo mundo todo de violência no seu interior, praticada por alunos de diferentes idades.

O professor que mantém uma boa relação de amizade, que tem clareza do seu papel e respeita as diferenças existentes em sala de aula, contribui, de certa forma, para diminuir ou evitar casos de agressões. Ao contrário daqueles professores que desrespeitam seus alunos, que os ridicularizam perante a sala,

agindo dessa maneira, apenas contribuem para o aumento de casos de violência nas escolas.

Seria necessário que os professores conseguissem agir logo que percebessem os primeiros indícios de atitudes violentas praticadas por alunos em diferentes faixas etárias, evitando, dessa forma, muitas brigas entre os alunos. Conforme Debarbieux e Blaya

Os professores, no decorrer da sua formação inicial ou mais adiante, têm que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje freqüentam nossas salas de aula (2002, p. 251-252).

Nos dias atuais, não basta aos professores se limitar a ensinar somente o conteúdo sistematizado, hoje exige-se muito mais do professor e muitos se encontram no papel de psicólogo, sociólogo, pai, mãe etc e lhe é exigido que tome providências de acordo com o que se espera dele, tendo muitas vezes, que assumir responsabilidades que seriam de outros participantes da função educativa.

Segundo Debarbieux e Blaya, existem oito tipos de comportamentos de uma política de formação de professores para evitar e lidar com a violência nas escolas que são:

- 1- sabem e entendem como os comportamentos agressivos se desenvolvem nos jovens;
- 2- compartilham da crença de que a educação e, mais especificamente, a escola são capazes de contribuir para evitar que a violência se desenvolva e tenha continuidade.
- 3- intervenham de forma ativa, e não apenas reativa com relações à violência e aos comportamentos agressivos que ocorrem na escola;
- 4- estão convencidos de que, devido à diversidade dos problemas relacionados a violência, as intervenções devam ser individualizadas e formuladas sob medida para cada caso;
- 5- valorizam a formação continuada ao longo de toda a sua vida profissional, sabendo que a simples experiência não é bastante;
- 6- são capazes de integrar em sua prática os novos conhecimentos surgidos das pesquisas;
- 7- desenvolveram capacidade sólida de formar parcerias com os pais, sabendo que a participação dos pais exerce influencia considerável sobre a eficácia de sua intervenção;

- 8- reconhecer a importância essencial do trabalho de equipe, sabendo que suas intervenções em sala de aula não serão suficientes (2002, p . 254-255).

Se o professor apresentar em sua compreensão esses atributos, ele conseguirá grandes progressos com relação à prevenção e o controle da violência nas escolas. Porém, sabemos que não é tarefa fácil, mas é essencial que todo e qualquer professor tome consciência de que é preciso agir de forma enfática para coibir esse comportamento indesejado nas escolas, pois se os alunos continuarem assumindo hábitos violentos, chegarão a fase adulta vistas como uma ameaça à sociedade.

Enquanto educadores, temos que estar atentos aos comportamentos, aos valores dos nossos alunos e ao observarmos qualquer atitude que possa nos levar a outro tipo de entendimento, devemos nos impor e mostrar para eles que essa não é a melhor forma de se comportar, pois para prevenirmos ações violentas é preciso que os professores sejam conscientes do seu papel e possam interagir com os alunos de modo a estabelecer uma relação de amizade e respeito dentro da sala de aula.

Fica claro que não é só a escola que tem o dever de combater atitudes consideradas violentas, esta é uma batalha que deve ser encarada por todos os envolvidos no processo educativo. Para Melo

A metodologia utilizada para a prevenção e combate do *bullying* nas escolas é sistematizada através de programas. Esses programas apresentam os critérios para a identificação do *bullying* na escola e mostram os procedimentos adequados para a intervenção de combate e as estratégias de prevenção (2010, p.45).

O que podemos destacar com maior ênfase é que ainda existe algum meio para tratarmos esse fenômeno que assusta todas as pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem, especialmente se cada sujeito fizer a sua parte – família, escola e comunidade em geral. O que não podemos é deixar um assunto tão delicado como esse de lado, sem dar a devida importância, ou sem procurar solução para que possamos mudar a realidade educacional.

Agindo dessa maneira contribuimos para que os alunos incorporem valores fundamentais, como: respeito, solidariedade, amizade, onde haja uma convivência saudável entre os seres humanos.

O *bullying*, segundo Melo (2010, p.16) “[...] está presente em qualquer lugar onde haja relações interpessoais. Porém, é na escola que ele se desenvolve de maneira perversa no cotidiano de alunos e professores.” Na escola presenciamos, diariamente, comportamentos que se opõem às boas normas, comportamentos que deixam transparecer que os valores desses alunos se distanciam dos valores como: respeito e solidariedade. Devemos ficar atentos ao comportamento de nossos alunos para assim tentarmos, enquanto educadores, revertermos essa situação do *bullying*, pois como afirma Melo (2010, p.30) “os pesquisadores definem ainda os comportamentos *bullying* em duas formas: direta e indiretamente, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima.” E assim podemos destacar:

A forma direta inclui agressões físicas como bater, chutar, tomar pertences, e verbais, como apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger.

A forma indireta possivelmente provoque mais prejuízo, já que pode criar traumas irreversíveis e se apresenta através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando a discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social.”

Se atentarmos para a prática do *bullying*, veremos que as atenções recaem mais sob o *bullying* direto, quando ocorrem agressões físicas e deixam marcas visíveis, mas podemos destacar que os dois tipos merecem atenção. O *bullying* indireto é mais difícil de ser identificado, especialmente se a vítima não der indícios do que se passa com ela, embora saibamos que, em muitos casos, estes têm medo de dizer claramente o que ocorre no espaço de sala de aula e acabam se excluindo do grupo social e silenciando uma agressão.

Sabendo que “O agressor identifica na sala a vítima pelas características psicológicas de ansiedade, insegurança, passividade, timidez e de aparente fragilidade” (MELO, 2010, p.29); dificilmente uma pessoa com esse perfil reagirá ou terá coragem de contar a um adulto que é vítima do *bullying*, ficando, dessa forma, inteiramente desprotegida, assim sendo, quando o *bullying* acontece, de

forma indireta, fica mais complicado detectar a sua manifestação, o que acarreta mais sofrimento para a vítima que é silenciada.

Essa forma indireta acontece mais entre as meninas, já que estas tendem a espalhar rumores, a fazer fofoca entre si, já os meninos fazem uso mais da força física para intimidar. Conforme Melo as meninas

[...] exercem o *bullying* de maneira diferente dos meninos. Elas tendem a espalhar boatos maliciosos, intimidar (sussurrando insultos ou rindo em grupo, alto o suficiente para que seus alvos escutem, destruir a reputação de outra, dizer a outras para que deixem de gostar de uma menina de quem querem se vingar. Elas tendem a usar a exclusão social como principal arma, em lugar de agressão emocional ou física direta, embora estudos indiquem que também elas têm se tornado cada vez mais agressivas fisicamente na última década (2010, p. 31).

As meninas praticam o *bullying* indireto para intimidar, e mostrar poder às vítimas, que por sua vez, não reagem às provocações. Dessa forma compreendemos que a agressão praticada por meninas atinge o psicológico da vítima, mas não é menos cruel do que aquele que atinge o físico (MELO 2010).

É imprescindível buscarmos diferentes meios para realizarmos na escola essas discussões, não apenas brigando ou chamando a atenção dos alunos agressivos, mas possibilitando uma maior reflexão acerca do assunto. Se conseguíssemos trabalhar através de palestras, oficinas, encontros pedagógicos, por exemplo, as conseqüências de atitudes violentas, praticadas em qualquer ambiente, talvez conseguiríamos sensibilizar esses agressores. Reforça Melo

[...] O *bullying* traz conseqüências graves e abrangentes para as vítimas, mas promove, no âmbito cognitivo, o desinteresse pelos estudos, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento intelectual, o absenteísmo, a reprovação e evasão escolar. Na saúde, provoca queda da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, como cefaléia, tontura, náusea, ânsia de vômito, dores epigástricas, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão e dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perda ou aumento do apetite, dores generalizada, entre outros. Podem surgir também doenças de causas psicossomáticas, como gastrite, úlceras, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergia, problemas respiratórios, obesidade, além do comprometimento de órgãos e sistemas (2010p. 34).

É importante que haja na sala de aula um trabalho coletivo voltado para a compreensão das conseqüências causadas por atitudes violentas, sejam elas diretas e/ou indiretas. O aluno precisa compreender qual é o seu papel diante de atitudes como estas, que causam tanto mal estar aos colegas e a relação existente no ambiente escolar, bem como todas essas outras doenças mencionadas. Segundo Melo “[...] é grande a relação entre o *bullying* e a criminalidade” (MELO, 2010, p. 43).

Para que essa relação do *bullying* com a criminalidade não seja instituída no ambiente escolar é imprescindível que o professor, a família e a comunidade em geral trabalhem conjuntamente para que possam combater ou até mesmo minimizar atitudes violentas, embora saibamos não ser uma tarefa fácil, mas são necessários procedimentos de prevenção e correção da violência que afflige as relações.

2 Procedimentos Metodológicos

O *bullying* é um mau que permeia as escolas do mundo todo. Esse é um fenômeno que fez e faz parte do cotidiano escolar ainda hoje. O que vem ocorrendo nos últimos tempos é que esse fenômeno vem tomando proporções que, muitas vezes, foge do controle dos professores, e que se agrava cada vez mais.

Atualmente devido aos jogos, à TV, à falta de estrutura familiar o fenômeno *bullying* vem crescendo e transformando os jovens em pessoas agressivas, sem noções de respeito para com o próximo e sem a devida preocupação com as consequências que esse tipo de comportamento pode causar. Essa violência está refletida na educação, especialmente nas relações experienciadas em sala de aula.

Esse fenômeno prejudica não só a aprendizagem da criança como também sua formação como sujeito, capaz de transformar o entorno ao qual pertence. Considerando nossa experiência enquanto educadoras é que sentimos curiosidade para compreender teoricamente o que este tema nos suscita, pois já vivenciamos na prática a drástica relação que tem a violência seja ela direta ou indireta nos comportamentos em sala de aula, assim como sua relação com a aprendizagem escolar.

Retomamos, mais uma vez nosso problema de pesquisa e os objetivos que queremos alcançar. O que leva alunos do 4º ano do Ensino fundamental I a praticarem atos de violência contra seus colegas em sala de aula. Para chegarmos a uma maior aproximação e entendimento desta temática, propomos responder aos seguintes questionamentos: analisar atos de violência sofridos e praticados por alunos em sala de aula, a partir de seus depoimentos e identificar os principais aspectos que contribuem para a prática de *bullying* entre alunos.

Para a escolha da escola – campo de estudo, o único critério utilizado foi por ser perto da nossa residência e assim facilitar maiores esclarecimentos se fossem necessários, especialmente considerando o tempo que temos para desenvolver a pesquisa e trabalhar em outros horários. A escola fica localizada na cidade de Pombal-PB.

No primeiro momento, fizemos algumas observações na Instituição com o intuito de conhecer o espaço físico e as relações interpessoais. Após a observação, percebemos que apesar da escola não dispor de muito espaço, é bem organizada e limpa.

Realizamos, ainda, observações em sala de aula onde fomos bem recebidas tanto pela professora quanto pela turma, fomos informadas pela professora que se tratava de uma turma bem disciplinada, comportada e estudiosa e durante as observações, pudemos constatar que a informação era real, pelo menos foi o que conseguimos perceber inicialmente.

Conversando com a professora sobre o tema de pesquisa, percebemos que ela desconhecia a expressão *bullying*. Ao explicá-la do que se tratava, falou-nos que não acontecia esse tipo de manifestação na turma, até porque ela se diz ser muito rígida e não tolera esse tipo de comportamento entre os alunos. Em seguida, apresentamo-nos a turma e falamos sobre o tema e sobre a entrevista que realizaríamos com alguns alunos da turma. Feito isso, a professora fez a escolha dos cinco alunos, usando o seguinte critério: em cada fila ela perguntava quem gostaria de participar, se mais de um se manifestasse, ela mesma escolhia, foi assim até completar todas as filas.

Em um outro momento, retornamos à escola para realização da entrevista, solicitamos que cada um dos alunos escolhidos se dirigisse a uma sala reservada pela diretora. Durante a entrevista, os alunos ficaram bem a vontade para responder um total de cinco perguntas elaboradas previamente.

A referida escola funciona os três turnos: pela manhã conta com um total de seis professoras, cinco à tarde e apenas duas à noite que trabalham com turmas de EJA – Educação de Jovens e Adultos.

A escola mencionada, atende em sua grande maioria, alunos de classe média baixa, sendo 167 no turno da manhã, 141 no período da tarde e 48 à noite. A turma, a ser observada, conta com um total de 23 alunos, sendo 9 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, numa faixa etária que varia de 9 a 11 anos. A escola não disponibiliza de uma biblioteca, quando há a necessidade de realizar alguma pesquisa, os alunos recorrem à biblioteca pública da cidade.

Para a coleta de dados, faremos junto à turma observação em sala de aula e entrevistas semi-estruturadas, pois esse instrumento possibilita o entrevistador

coletar o maior número de informações possíveis, já que com a utilização da entrevista, podemos abordar o tema proposto a partir de perguntas previamente formuladas, tudo cuidadosamente gravado (NETO, 1994). Uma vez gravada, o entrevistador fica inteiramente disponível para observar atentamente o entrevistado, e um olhar atento do pesquisador possibilita detectar, no entrevistado, muitos aspectos que ficam nas entrelinhas da entrevista, como o comportamento do entrevistado, as expressões, se ele ficou ou não apreensivo no decorrer da entrevista, pois

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (NETO, 1994, p. 59-60).

Segundo Lüdke e André (1986, p. 37) "A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda atenção ao entrevistado. Por um lado, ela só registra as expressões orais, deixando de lado as expressões faciais, os gestos, às mudanças de postura e pode representar para alguns entrevistados um fato constrangedor." Por esta razão a observação, enquanto são respondidas as questões, é de fundamental importância, pois assim podemos registrar aquilo que a gravação da voz não é capaz.

O registro das informações pessoais coletadas foi redigido logo após a finalização das entrevistas, como uma maneira de não perdermos nenhuma informação importante. De acordo com Lüdke e André

É indispensável que o entrevistador disponha de tempo, logo depois de finda a entrevista, para preencher os claros deixados nas anotações, enquanto a memória ainda está quente. Se deixar passar muito tempo, certamente será traído por ela, perdendo aspectos importantes da entrevista que lhe custou tanto esforço (1986, p. 37-38).

Dessa forma, o pesquisador não perderá nenhum detalhe observado durante a entrevista, impossível de ser registrado na gravação como o comportamento do entrevistado, por exemplo.

3 Análise dos dados

O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.

(Albert Einstein)

Neste capítulo serão apresentados os dados pertinentes às entrevistas realizadas com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I. Visando proteger a identidade da criança, modificamos os nomes, garantindo, assim, o anonimato. Participaram desta entrevista cinco crianças numa faixa etária entre 8 a 10 anos, as mesmas responderam um total de cinco perguntas que estão incluídas no Apêndice A.

Ao serem questionados sobre o que leva uma criança a maltratar outro colega em sala de aula, os participantes da pesquisa responderam:

Maltratar? É... pode ser bater, espancar, fazer outras coisas coisinhas a mais que não pode ser feita na escola, eu acho assim oh: porque só quer ficar do lado mas, mas não pode, tem que ficar do bem, do mal é do outro lado, do bem já é falando mais de Deus. (Fábio)

[...] é quando a criança bate em outra.
(Marcela)

Maldade. (Leonardo)

Raiva, raiva do outro colega. (Marcos)

Se ele fez alguma coisa com o outro, aí já é um motivo, até pelas coisas que ele faz sem querer, como tropeçar no outro sem querer, aí já vai querer briga. (Rodolfo)

Podemos observar através das respostas que os alunos entendem que para uma criança maltratar uma outra, ela não precisa necessariamente de um motivo grave, que algumas crianças maltratam por maldade mesmo, outras por alguma mal entendido, como tropeçar sem querer em alguém. Esses alunos acabam manifestando reações desagradáveis que são vivenciadas em sala de aula e que podem trazer prejuízos à aprendizagem.

Neste sentido Abramovay e Maria das Graças (2003, p. 51) reforçam: "Também esbarrar no outro, mesmo sem querer, pode ser interpretado como

atitude pouco cuidadosa e provocação, podendo ocasionar brigas violentas". A partir da citação e também por meio da nossa experiência em sala de aula, podemos afirmar que alguns casos de agressões ocorrem, muitas vezes, por algum mal entendido, onde um simples diálogo, um pedido de desculpas resolveria sem uso da violência.

Para que alguns tipos de comportamentos desagradáveis não ocorram, é necessário que os educadores estejam atentos ao comportamento dos alunos e que ao menor vestígio desse fenômeno, procurem tomar logo as medidas adequadas, para evitar que o *bullying* cresça ainda mais.

As respostas dos alunos, de certa forma, são sucintas levando-nos a tecer algumas considerações: os alunos, embora nos imponham pensar que estavam à vontade para responder as questões, também se sentiram incomodados com a pergunta, pois envolve questões de comportamentos pessoais e nem sempre os alunos estão dispostos a falar aquilo que fazem em sala de aula.

Apresentaremos as respostas referentes à questão: como sua professora costuma reagir em casos de violência dentro da escola? As respostas apresentadas pelos alunos foram:

É... Ela vai lá, chama a diretora, aí diz quem é, depois vão na secretaria fala, conversa aí dar uma suspensão de um mês. (Fábio)

Ela separa. (Leonardo)

Vai apartar e botar de castigo. (Marcela)

Ela vai apartar a briga. (Marcos)

Ela fica com muita raiva e vai conversar com os alunos, porque ele fez isso, aí se foi porque ele quis, aí ela expulsa ele. (Rodolfo)

Os alunos destacam que a professora interfere no momento da agressão, conversa com os alunos envolvidos e relata o fato à direção da escola, até então, ela age da maneira habitual, pois nem sempre a professora dá conta de todos os problemas que ocorrem na sala de aula. Algumas reações do tipo expulsar o aluno da sala de aula apenas faz com que a revolta seja aumentada causando, muitas vezes, um maior desconforto nas relações entre alunos e alunos e destes com o professor. Neste sentido podemos destacar que a "[...] escola é um espaço de diversidade privilegiado para aprender a resolver conflitos e conviver com a

diferença. É assim que ela combate os preconceitos” (MENEZES 2008 apud MELO, 2010 p. 63).

Ao serem questionados sobre se já foram agredidos na escola, quatro dos alunos respondem que não e apenas um diz que já foi agredido. Diante das respostas, podemos ver que apenas um dos participantes da entrevista já foi vítima de agressão na escola, mas infelizmente isso não é comum, o que vemos é que a maioria dos alunos é vítima de agressões ou em algum momento de sua vida já foram, mas sabemos que existe aquele aluno que consegue conviver bem com todos os outros, e pelo o que pudemos perceber durante a entrevista, por meio de conversas informais foi que esses alunos, participantes da entrevista, apresentavam esse perfil.

Quando questionamos se os alunos já presenciaram alguma cena de violência na escola, o que fizeram e o que sentiram, responderam:

Já, fui apartar. Muita vergonha, porque eu estudo aqui e essas brigas pode até me complicar. (Marcela)

Já. Eu fiquei só olhando não queria me envolver em brigas não. Um pouco de medo. (Marcos)

Já. Naquela hora eu estava passando porque eu ia beber água, quando eu vi já tinha uma professora vindo, aí eu fui beber água nem vi muita coisa. Senti que os dois estavam errados. (Rodolfo)

Não. (Fábio)

Não. (Leonardo)

As respostas nos apontam que os alunos sentem medo de presenciar cenas violentas, especialmente considerando que se forem apartar as brigas ocorridas na escola algum dia uma dessas situações poderá se voltar contra eles. Quando perguntamos se os alunos já disseram algo para o colega que ele não gostou imediatamente os alunos responderam:

Já, eu apelidei ele porque ele me chutou quando eu estava correndo. (Leonardo)

Já. Chamei ele de besta. (Marcela)

Eu acho que já, não lembro. (Marcos)

Já. Teve uma vez que eu apelidei ele de burro, ele ficou até de cara feia. (Rodolfo)

(Fábio) Não.

Após uma análise inicial das falas dos alunos percebemos que para os alunos não é correto brigar na escola, mais especificamente em sala de aula, mas quando isso ocorre causa medo e constrangimento para aqueles que não estão envolvidos nas brigas.

Os participantes desta pesquisa nos possibilitaram pensar que quando o professor trabalha numa sala sem grandes problemas relacionados a comportamentos indesejados, ele será capaz de fazer com que o processo ensino-aprendizagem seja efetivado e os alunos conseguem perceber sua importância em sala de aula.

Essas são apenas algumas reflexões, iniciais, do que conseguimos captar durante as entrevistas, que nos sirvam de base para repensarmos a prática pedagógica e tudo que está envolvido na relação aluno-aluno e aluno –professor, para só então realizarmos um trabalho condizendo com o esperado.

Considerações finais

Após este estudo, passamos a compreender melhor o que seja o fenômeno *bullying* apesar de que é uma expressão bem mais complexa do que podemos imaginar, pois envolve muitos fatores. O *bullying* vem sendo muito discutido em todo o mundo, devido às graves conseqüências que podem atingir tanto a vítima, quanto os demais envolvidos. É um fenômeno que requer muita atenção no âmbito escolar, uma vez que prejudica o processo ensino aprendizagem e provoca seqüelas durante toda a vida das vítimas.

Ao contrário do que muitos possam imaginar, é um mal que afeta tanto os alunos das escolas públicas, como os da rede privada de ensino. Percebemos, ainda, com os estudos realizados que os casos de *bullying* ocorrem mais entre meninos, porém, as meninas também os praticam, só que elas são bem mais discretas e sutis, passando muitas vezes despercebidas. Como podemos perceber o *bullying* se manifesta de diversas formas, até mesmo de acordo com o sexo do agressor, neste sentido, devemos estar atentos para agirmos ao primeiro sinal de violência.

Neste sentido, nós educadores devemos trabalhar, na perspectiva da prevenção e no combate a todo e qualquer tipo de violência praticado e vivido na escola. Devemos nos preparar para detectar casos de *bullying* entre nosso alunado, e assim abordarmos de modo a entendermos as razões que os levaram a agir de determinada forma e assim procurarmos ajuda especializada, assim evitaremos sofrimentos e constrangimentos.

Esse não é um dever somente do professor, a escola como um todo, desde o porteiro até o diretor, assim como a família e a comunidade em geral devem estar envolvidos para que possamos desenvolver um trabalho conjunto em prol do ensino e da aprendizagem. Os dados nos apontaram que os alunos entendem a questão da violência praticada e sofrida na escola e não defendem que esta seja uma prática aceita na instituição escolar. Afirmam sentir medo e constrangimentos quando ocorrem situações desagradáveis envolvendo seus colegas. Que esta pesquisa nos sirva de reflexão para repensarmos a prática pedagógica a partir das nossas ações em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et all. **Violência nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2003.

DEBARBIEUX, Eric & BLAYA, Catherine (org). **Violência nas escolas e políticas**. Brasília: UNESCO, 2002.

HORNBLAS, David Sérgio. **Bullying na Escola: Como crianças lidam e reagem diante de apelidos pejorativos**. São Paulo: 2009.

LAGE, Nildo. Pais e adolescentes: **A importância dos limites na vida da criança**. Revista Construir Notícias, ano 08. Nº 48. Setembro/ outubro 2009.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**. Recife: EDUPE, 2010.

MENGA, Lüdke e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária Ltda, São Paulo, 1986.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo descoberta e criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PELT, Nancy Van. **Pais e adolescentes: o relacionamento vale a pena**. Revista Construir Notícias, ano 08. Nº48. Setembro/ outubro 2009.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

- 1- Você já foi agredido na escola?
- 2- No seu entendimento o que leva uma criança a maltratar outro colega em sala de aula?
- 3- Você já presenciou alguma cena de violência na escola? O que você fez? O que você sentiu?
- 4- Você já disse algo para um colega que ele não gostou? O que você disse, por exemplo?
- 5- Como sua professora costuma reagir em casos de violência dentro da escola?